

## **REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS, PRODUZIDAS POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM GOIÂNIA, ACERCA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.**

Hugo Leonnardo Cassimiro  
Universidade Católica de Goiás  
Comunicação Livre  
Cultura e processos educacionais

A intenção desse trabalho é explicar a produção de uma forma específica de consciência: aquela considerada pela perspectiva materialista histórica como cotidiana. O conceito central é o de representações cotidianas. O grupo pesquisado será estudantes de ensino médio da rede de ensino público estadual de Goiânia. Por fim, o foco será as representações sobre a divisão sexual do trabalho existente em nossa sociedade. A partir de experiências em organizações sociais e na escola proponho esse trabalho baseando-me na teoria da consciência e das representações cotidianas desenvolvidas a partir da teoria e método materialista histórico dialético. Por outro lado, essa pesquisa insere-se em uma linha que se preocupa com as desigualdades presentes na divisão sexual do trabalho e quer contribuir para a compreensão de suas bases. Por isso, a proposta é de investigar a consciência dessa divisão sexual do trabalho, com foco nas representações cotidianas.

Palavras-chave: representações cotidianas, divisão sexual do trabalho, escola.

O projeto que se segue tem por intenção compreender a constituição da consciência, de forma mais específica aquela considerada por uma perspectiva materialista histórica dialética como cotidiana. Nesse sentido, o conceito central é o de representações cotidianas sobre o qual exporei adiante. O grupo pesquisado será estudantes de ensino médio da rede de ensino público estadual de Goiânia. Por fim, o foco será as representações sobre a divisão sexual do trabalho existente em nossa sociedade.

A escolha desse tema é um entrelaçar de experiências. O centro dessa encruzilhada é a recente experiência como professor da disciplina História, tanto no ensino fundamental II quanto no ensino médio. No entanto, estende raízes na participação como educador na Pastoral da Juventude<sup>1</sup>, Casa da Juventude<sup>2</sup>, Trama: rede de assessoria juvenil<sup>3</sup> e Rede de Educação Cidadã<sup>4</sup>, a trajetória acadêmica e a participação no Grupo de Estudos sobre Juventude e Marxismo<sup>5</sup> vinculado ao Núcleo de Pesquisas Marxistas – UEG<sup>6</sup>.

Permaneci mais tempo como professor no Colégio Lyceu de Goiânia. Onde

---

<sup>1</sup> Pastoral da Juventude é uma organização juvenil ligada à CNBB.

<sup>2</sup> Casa da Juventude Pe, Burnier é um Instituto de formação, assessoria e pesquisa sobre juventude sediado em Goiânia.

<sup>3</sup> Trama: rede de assessoria juvenil foi uma organização de jovens educadores da região metropolitana de Goiânia.

<sup>4</sup> Rede de Educação Cidadã é uma rede de educadores populares presente em todo o país, criada a partir do programa Fome zero.

<sup>5</sup> Grupo de pesquisadores/as criado a partir da pesquisa sobre juventude com referencial histórico materialista na especialização em juventude da Faculdade Jesuíta e Rede Brasileira de Centros de Juventude.

<sup>6</sup> Núcleo de pesquisa vinculado à unidade acadêmica da Universidade Estadual de Goiás em Anápolis.

notei mais claramente que na escola se produzia ou reproduzia as diferenças sociais entre os sexos. Um atendimento da coordenação foi mais ilustrativo nesse sentido. Uma estudante reclamou, para uma das coordenadoras, ter sido agredida verbalmente e, de forma mais leve, fisicamente por um colega. Convocado o colega e testemunhas, percebeu-se que o motivo da agressão foi ciúme. A estudante, que possuía relação afetuosa com o agressor, dedicou sua atenção a outro colega. O estudante agressor lhe chamou a atenção. Esta, considerando não se tratar de um namoro o que mantinha com o agressor, não atendeu aos apelos do agressor de que se afastasse do outro colega. E a partir daí a agressão foi constituída.

Diante desse painel, a coordenadora chamou a atenção do agressor de que essa não deveria ser a forma de se tratar a questão. O mais importante foi que, dirigindo-se à estudante agredida, a coordenadora lhe repreendeu que compreendesse se tratar de um homem o agressor e que ela devia entender que “orgulho de homem era diferente de orgulho de mulher”. Tal afirmação remete à divisão de atividades que cada sexo pode desempenhar socialmente com uma hierarquização de tais atividades.

Tendo pesquisado a história da mulher em Goiás durante a graduação e assessorado formações para grupos de jovens com a temática afetividade e sexualidade, estive em sintonia com as discussões da produção da consciência do sexo a partir das relações sexuais. Diante do acontecimento relatado acima, fiquei provocado a pensar mais profundamente a questão de como se produz a consciência no cotidiano com foco na contribuição que a condição de cada indivíduo na divisão sexual do trabalho tem para essa consciência. Como, determinado lugar na divisão sexual do trabalho contribui para uma determinada consciência.

Nesse ponto, escolhi as representações cotidianas de estudantes do ensino médio. As representações são formas de consciência simples (VIANA, 2008a). São expressão da vida cotidiana de indivíduos concretos produzida por esses indivíduos. Aqui reporto-me à teoria da consciência na perspectiva materialista histórica em que “a consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens [seres humanos] é o seu processo de vida real” (MARX; ENGELS, 2007:94). Assim como a Viana para quem,

é na vida real, nas relações sociais concretas, que se formam as representações dos indivíduos. É na vida cotidiana, no modo de vida dos indivíduos, que se constituem sua consciência, suas idéias, suas representações (2008:85).

Por tanto, o cotidiano de estudantes do ensino médio de escolas da rede público estadual de ensino de Goiânia é o interesse aqui. É nesse cotidiano que se formam as representações e, por conseguinte, é preciso partir dele para se explicar tais representações. Importa ressaltar que não pretendo abordar todas as representações e sim focalizar aquelas referentes à divisão sexual do trabalho.

A categoria “divisão sexual do trabalho” tem sido utilizada por Hirata (2001, 2007), Kergoat (2007), Torres (2006), Araújo (2002), Stancki (2003) e Silva (2008) em trabalhos que abordam esse fenômeno no atual regime de acumulação capitalista: o integral (VIANA, 2008b) ou flexível surgido a partir da crise do modelo fordista de produção (HARVEY *apud* SILVA, 2008). Nesse contexto, Hirata afirma que “a interdependência crescente dos mercados nacionais com vistas à constituição de um mercado mundial unificado (...), não suprime a diversidade, mas aguça a heterogeneidade das situações de trabalho, de emprego e de atividade das mulheres e

dos homens” (2001:141) ao discutir os efeitos da “globalização” do mercado intensificada no atual regime de acumulação para a divisão do trabalho entre os sexos.

Na sociedade capitalista a determinação fundamental da divisão do trabalho é a forma pela qual os indivíduos se relacionam para a produção da vida material (MARX; ENGELS, 1989). Dentro dessa divisão do trabalho encontra-se a divisão sexual que “é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos” (HIRATA; KERGOAT, 2007, pág. 599), ou o “processo pelo qual as atividades de produção e reprodução social são diferenciadas, especializadas e desempenhadas por diferentes pessoas” (STANCKI, 2003:2) também entre os sexos. Torres ressalta que para Marx e Engels “a primeira divisão do trabalho é a que se faz entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos (2006:3).

Quanto à divisão sexual do trabalho, que aqui nos interessa mais, segundo Hirata e Kergoat,

falar em termos de divisão sexual do trabalho é : 1. Mostrar que essas desigualdades [entre os sexos] são sistemáticas e 2. articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e portanto os sexos (KERGOAT, 2007: 596).

Desse modo, as representações cotidianas em seu aspecto mobilizador tem aqui um papel relevante por possibilitar compreender como, no processo de produção dessas representações, a condição em que os indivíduos se encontram na divisão sexual do trabalho interfere nessa hierarquização sexual.

Vale ressaltar que, o sexo é efetivamente a forma pela qual os seres humanos se reproduzem. Para tanto existe uma diferenciação física nos corpos humanos: fêmeas e machos. Com o desenvolvimento da divisão do trabalho essas características passam a influenciar, não somente as relações estritamente sexuais, mas as relações sociais em geral (VIANA, 2006). Aqui, podendo surgir a opressão entre os sexos.

Assim, ao tratar da forma como as mulheres participam do mercado de trabalho Ammann constata “que o trabalho da mulher concentra-se em um número restrito de setores e ocupações, no mais das vezes subalternas e mal remuneradas” (*apud* ARAÚJO, 2002:10). Também Hirata (2001) afirma a precarização do trabalho de mulheres, em uma relação de inserção dessas nesse regime, em que o trabalho sofre uma flexibilização e também que o grupo restrito de mulheres que ascende a postos mais elevados de trabalho passa a utilizar da mão de obra de outras mulheres.

A inserção da mulher no mercado de trabalho produtivo é, segundo Torres, um fenômeno da sociedade moderna. Em suas palavras,

Na Idade Moderna, o trabalho expandiu-se para além do âmbito doméstico, pois se percebe que as mulheres casadas e principalmente as solteiras já tinham atividades fora de casa. É nesse período que o trabalho feminino começa a atuar no âmbito do trabalho produtivo, pois as mulheres desta época trabalhavam em atividades fora do âmbito doméstico, com roupas, metais, olarias etc. (2006:3)

No entanto, desde então, a mulher tem participado do trabalho assalariado de forma subalterna, com salários inferiores e sem perspectiva de carreira (HIRATA, 2001; 2007; ARAÚJO, 2002; Kergoat, 2007). No atual regime de acumulação,

considerado como flexível, Hirata (2007) destaca algumas características da divisão sexual do trabalho. Em primeiro lugar o que ela denomina “nomadismos sexuais”, nos quais os estereótipos são reforçados; houve também uma priorização do trabalho feminino associado à sua precarização e aumento de mulheres pobres; e por fim reafirma que parte das mulheres, as dos países do norte, tem ascendido a cargos mais altos na hierarquia do trabalho, porém empregando outras mulheres no trabalho doméstico.

Para além da constatação do lugar que cada sexo ocupa na divisão sexual do trabalho Hirata e Kergoat (2007) propõem uma distinção dos princípios e modalidades dessa divisão. A separação entre os trabalhos considerados “naturais” para cada sexo e a hierarquia de valores desses trabalhos são apontados como dois princípios pelas autoras que estão presentes em “todas as sociedades conhecidas” (op. cit.:599). Porém, as modalidades dessa divisão mudam em cada sociedade. Nesse sentido, como na intenção expressa pelas autoras, esse trabalho se situa entre as propostas de “análise que procuram remontar à nascente dessas desigualdades” (op. cit.: 597) e seus efeitos. Diante disso é que proponho a pesquisa sobre as representações cotidianas de estudantes do ensino médio em Goiânia. Representações que expressam a condição de sexo e podem reproduzir a configuração dessa divisão sexual do trabalho.

Detenho-me agora na explicação das características das representações cotidianas. Tais representações podem ser reais, contraditórias ou ilusórias. Elas são reais quando seu conteúdo expressa a realidade de forma verdadeira. São ilusórias quando seu conteúdo expressa uma inversão da realidade. E são contraditórias quando afirmam e negam a realidade (VIANA, 2008a). Aqui nota-se uma unidade e uma contradição:

a unidade se revela no fato de que a consciência só pode ser consciência da realidade, mas tal como o indivíduo a vê, o que revela sua contradição, pois ele a vê a partir de sua relação com ela, e esta, devido a divisão social do trabalho, não é vista em sua totalidade, o que possibilita a consciência ilusória (op. cit., pág. 86).

Outro elemento é o caráter ativo ou passivo das representações cotidianas. Por ser a consciência senão outra coisa do que o ser consciente, é que Marx, Engels e Viana consideram a consciência como resultado, e não “simples reflexo”, “da relação do ser humano com [o mundo] e nesta relação ela [a consciência] se forma e se desenvolve, acomodando-se ao mundo e ao mesmo tempo assimilando-o, sendo o seu resultado e, ao mesmo tempo, contribuindo para sua constituição” (VIANA, 2008, pág. 89). Assim, pode-se afirmar que as representações, como formas de consciência, ilusórias ou verdadeiras, são mobilizadoras, quando impulsionam a ação dos indivíduos, ou passivas, quando a acomodação predomina sobre a assimilação e os indivíduos passam a “tomar as relações sociais como coisas, ou seja, de forma reificada” (VIANA, 2008a, pág. 101).

Sendo as representações não outra coisa que as representações dos indivíduos concretos em suas relações o cotidiano torna-se central. Segundo Viana, “o cotidiano é a totalidade da vida social” (2008a, pág. 105). Seus aspectos formais são a naturalização, simplificação e regularidade. Na vida cotidiana as coisas aparecem como naturais, dadas. E como seu resultado temos a simplificação, ou seja, o não-questionamento, não exigência de reflexões, aprofundamentos, explicações complexas. Por fim, o cotidiano é “o mundo das relações e ações regulares do indivíduo” (VIANA, 2008a: 107).

Considerando que o cotidiano na sociedade capitalista está perpassado pelas relações sociais determinadas pela divisão social do trabalho, parece-me relevante desenvolver a compreensão sobre a forma como são produzidas e reproduzidas as representações quanto a uma divisão específica do trabalho: a sexual. Nas palavras de Marx e Engels,

Por meio da divisão do trabalho, no interior desses ramos [comercial, industrial...], desenvolvem-se diferentes subdivisões entre os indivíduos que cooperam em determinados trabalhos. A posição dessas diferentes subdivisões umas em relação às outras é condicionada pelo modo como são exercidos os trabalhos agrícola, industrial e comercial (patriarcalismo, escravidão, estamentos, classes). (2007: 89).

Daí que se possa considerar que “indivíduos determinados, que são ativos na produção de determinada maneira, contraem entre si estas relações sociais e políticas determinadas” (MARX; ENGELS, 2007: 93). Essas relações são conteúdo do cotidiano e, portanto, podem estar expressas como representações.

Nesse sentido, o ambiente escolar é um dos espaços cotidianos de sociabilidade nos quais crianças, adolescentes e jovens vivem grande parte de suas relações. Colegas, professores e demais funcionários estão em contato permanente expondo suas opiniões e convicções sobre aspectos variados da vida cotidiana e de suas relações sociais. O regime escolar em período integral, como tem sido proposto pelo poder público responsável pela rede escolar estadual de Goiânia, amplia o tempo de permanência nesse espaço. Por conseguinte, os impactos do ambiente escolar na vida desses estudantes resultante dessa mudança.

Por tanto, a questão colocada aqui é como são produzidas as representações cotidianas sobre a divisão social do trabalho entre os sexos, com foco nas representações de estudantes do ensino médio da rede público estadual de ensino de Goiânia.

Para tanto, lançarei mão de algumas técnicas específicas. Aqui, resalto como Marx que, “a consciência é um produto social e assim continua enquanto em geral existirem homens (seres humanos)” (MARX; ENGELS, 1989:197). Da mesma forma, Viana afirma que “as representações que os indivíduos elaboram são representações sobre suas relações com os outros indivíduos ou com o meio ambiente” (VIANA, 2008a: 83) e que “a consciência, as representações, não são nada mais do que uma expressão dos indivíduos sociais, históricos, concretos”. (op. cit.:84).

Considerando a linguagem como uma forma de expressão da consciência, a pesquisa sobre representações cotidianas tem sua base, nesse sentido, nas formas de linguagem como acesso a essas representações. Porém, não se restringe a isso por buscar as relações em que se inserem os sujeitos dessas representações em sua totalidade.

Assim como Viana, “em primeiro lugar, cabe recordar que o método dialético não é um modelo no qual se deva encaixar a realidade e sim um recurso heurístico que auxilia a ordenação da pesquisa. Marx, se referindo a pesquisa sobre a história da humanidade, colocou que esta ordenação do material de pesquisa pode ser auxiliada pelo uso de abstrações, mas que estas não podem definir *a priori* o resultado da pesquisa” (2009:s/p). Nesse sentido é o processo de pesquisa que irá reconstituir ou refutar as categorias propostas para tal processo pois,

os procedimentos técnicos da pesquisa com representações cotidianas são embasados no método dialético e no materialismo histórico, e, por conseguinte, visa reconstituir o concreto no pensamento, a partir do referencial teórico e do material informativo produzido, acessado ou selecionado pelo pesquisador. (VIANA, 2009:s/p).

Portanto, reafirmando que “é na vida real, nas relações sociais concretas, que se formam as representações dos indivíduos” (VIANA, 2008a: 85), resta demonstrar como coletar o material informativo para tal pesquisa. Material que possa, apoiado na teoria e no método materialista histórico dialético, ser a fonte para a análise das representações cotidianas.

Como uma das formas de linguagem predominantes nas relações humanas, a fala é a escolha para se proceder essa coleta. Portanto, a entrevista é a técnica central a ser utilizada. Contudo um tipo determinado de entrevista considerado mais coerente com o método e referencial apontados aqui: a entrevista interpretativa. Essa escolha parte da afirmação de Viana, para quem,

para ter acesso às representações cotidianas e poder efetivar uma interpretação correta das mesmas, é necessário ter acesso a elas e da forma mais completa e ampla possível. Além disso, é preciso ter outras informações e elementos que vão além das próprias representações cotidianas, pois assim o processo de interpretação ganha em possibilidade de chegar a ser correta. É por isso que a entrevista interpretativa é a principal técnica de pesquisa em representações cotidianas. (2009:s/p).

Em diálogo com o tema aqui proposto, ou seja, o das representações cotidianas sobre a divisão sexual do trabalho, importa indicar que se pretende acessar as convicções sobre um aspecto específico do cotidiano: a divisão sexual do trabalho. Assim como aponta Viana:

As representações cotidianas possuem um núcleo composto por suas convicções, que podem ser crenças, valores, sentimentos, etc., e o objetivo é entender as representações cotidianas sobre determinado temário, ou seja, um aspecto da realidade e para isso é preciso perceber quais são as convicções dos indivíduos para poder distingui-las de suas opiniões. (2009:s/p).

As convicções remetem ao universo mental, ou mentalidade, dos indivíduos. O conceito de mentalidade é um desenvolvimento da teoria marxista feita por Viana (2008b) a partir da concepção de caráter social de Erich Fromm na qual a “estrutura da sociedade e a função do indivíduo nessa estrutura determinam o conteúdo do caráter social” (*apud* VIANA, 2008b:30). Essa mentalidade introjeta a sociabilidade, no caso dessa pesquisa, a sociabilidade capitalista sob o regime integral de acumulação. Conforme o mesmo autor “por sociabilidade entendemos o conjunto das relações sociais que realizam, no nível do cotidiano, a reprodução das relações de produção dominantes” (2008b:24).

A entrevista interpretativa parte desse ponto, qual seja o da sociabilidade e do universo mental, para reconstruir a produção das representações cotidianas. Entretanto seu foco é a mentalidade sobre o aspecto da pesquisa, nesse caso, as representações sobre a divisão sexual do trabalho.

Trago a definição de entrevista interpretativa de Viana como procedimento escolhido,

A entrevista interpretativa é um tipo de entrevista que busca um tipo de material informativo que seja “interpretável” e a partir dele busca a interpretação correta das representações cotidianas. O que significa material informativo interpretável? Significa que o material informativo não pode ser apenas dados estatísticos abstratos. Por exemplo, é impossível fazer interpretação das representações cotidianas apenas com um conjunto de respostas objetivas de um questionário. Por isso o material informativo requer a entrevista interpretativa que busca um conjunto de informações sobre o entrevistado no sentido de ter uma percepção mais totalizante dele. (2009:s/p).

E ainda, a proposição de procedimento para tal técnica:

Este conjunto de informações são organizados na entrevista interpretativa da seguinte forma: em primeiro lugar, é necessário informações pessoais que forneçam um quadro da posição do indivíduo na divisão social do trabalho e suas relações sociais mais próximas (familiares, escolares, de trabalho). Em segundo lugar, é preciso informações biográficas que permitam ter acesso à história do indivíduo e as mudanças sociais e culturais pelas quais passou (mudança de classe, cultura, status social, região, civil, etc.), nos casos em que isto ocorre (e seria imperceptível na entrevista convencional). Assim, estas informações ajudam a compreender melhor o indivíduo e permitem uma percepção mais totalizante e histórica do mesmo. Ao invés de um indivíduo abstrato, descontextualizado e fora da história, emerge um indivíduo enquanto ser social e histórico. Em terceiro lugar, é necessário informações sobre sua formação cultural, cujo objetivo é ter uma percepção de sua mentalidade, de seus valores fundamentais, de suas crenças e sentimentos, ou seja, das suas convicções gerais, o que é fundamental para descobrir suas convicções particulares (caso existem, pois dependendo do aspecto da realidade social e seu distanciamento ou proximidade com o entrevistado, poderá ter apenas “opiniões” sobre ele). Por último, as informações a respeito de sua percepção sobre o aspecto particular da realidade, ou seja, sempre são representações cotidianas de algo e importa saber o que as pessoas entrevistadas pensam, diretamente, disto. (op. cit.: s/p).

Importa indicar que o lugar que os indivíduos a serem pesquisados ocupam na divisão sexual do trabalho será um complemento à primeira consideração acima, e que, o último ponto será remetido às, já indicadas, representações cotidianas sobre a divisão sexual do trabalho.

Para ter acesso ao posicionamento mais profundo dos pesquisados, as questões não se remeterão ao tema de forma direta, mas sim por meio de elementos complementares como histórias, opiniões públicas, músicas ou o próprio livro didático. Corroboro, nesse sentido, a afirmação de Viana para quem, “a resposta para a pergunta direta poderá ser um lugar comum ou algo refletido mas que não expressa a verdadeira concepção do entrevistado, enquanto que a indagação sobre uma ficção pode ser respondida de forma mais livre e, portanto, mais verdadeira” (op. cit.:s/p).

Ao explicar a insuficiência da entrevista interpretativa o mesmo autor indica outras técnicas complementares: investigação documental, observação relacional e entrevista interpretativa inversa. A primeira visa coletar documentos que forneçam informações sobre a condição e as relações sociais dos entrevistados. No caso da observação relacional, “trata-se de observar lugares, contextos, ações, pessoas, que estão relacionadas com o tema ou a pessoa entrevistada, além da mesma” (op. cit.:s/p), inclusive para perceber as pressões e relações dos indivíduos entrevistados. Já a entrevista interpretativa inversa é aquela realizada com outras pessoas relacionadas às

entrevistadas, nesse caso podendo ser professores ou pais, ou em posições diferentes. O que remete a considerar as posições na divisão sexual e social do trabalho.

No que tange ao passo seguinte, qual seja o de análise do material recolhido/produzido, o caminho será:

“Uma análise minuciosa das respostas visando entender as representações cotidianas, distinguir entre convicção e opinião, em relacionar as motivações e as idéias expressas, usando os recursos do método dialético e das teorias relacionadas, é o ponto fundamental nesse processo. Nesse processo analítico, uma percepção geral da posição do indivíduo na sociedade e aspectos complementares, inclusive os históricos, devem ser o ponto de partida. Num segundo momento, as respostas diretas devem ser analisadas, observando-se as possíveis contradições, distinção entre convicção e opinião, etc” (2009:s/p).

Com vistas a aspectos éticos e de acesso, vale destacar que a participação nessa pesquisa fica condicionada à aceitação por parte de potenciais participantes, por meio do consentimento livre e esclarecido, assinado e datado em duas vias pelos participantes, pesquisador responsável e testemunhas, observando-se além deste procedimento, todos os parâmetros éticos relativos a pesquisa com seres humanos. Esse procedimento tem lugar tentando superar problemas de acesso às pessoas. Constituindo um clima de compromisso e respeito. Conforme Viana, “o acesso a pessoas para as entrevistas não é um obstáculo apenas da entrevista interpretativa, mas de todos os tipos de entrevistas, e se torna ainda mais difícil dependendo de quem são as pessoas ou quais são os temas pesquisados” (2009:s/p).

Como o tema remete a questões consideradas como tabu em determinados meios e espaços, os locais de entrevista deverão ser o mais livres de pressão para os e as entrevistados. A presença de outros indivíduos que possam constrangê-los/as será evitada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Anísio J. Da S. Reestruturação produtiva e divisão sexual do trabalho: mudanças e permanências. In: *Revista Conceitos*, n. 8, jul/dez. 2002. [http://www.adufpb.org.br/publica/conceitos/08/art\\_01.pdf](http://www.adufpb.org.br/publica/conceitos/08/art_01.pdf)
- HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos Pagu*, (17/18) 2001/02: pp. 139-156. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf>
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set/dez. 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SILVA, Zilmar A. da. *Divisão Etária e Sexual do trabalho num contexto de acumulação flexível do capital: a lógica da eficiência, produtividade e qualidade numa unidade produtiva de calçados em Ipirá-BA*. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. [http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST13/Zilmar\\_Alverita\\_da\\_Silva\\_13.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST13/Zilmar_Alverita_da_Silva_13.pdf)
- STANCKI, Nanci. *Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução*. I Ciclo de

debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia, Puc-SP, 2003. [http://www.pucsp.br/eitt/downloads/eitt2003\\_nancistancki.pdf](http://www.pucsp.br/eitt/downloads/eitt2003_nancistancki.pdf)

TORRES, Maria A da S. *A divisão sexual do trabalho: a inserção da mulher no mundo do trabalho*. 1º Seminário Nacional Trabalho e Gênero, Goiânia: Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 21 a 31 de março de 2006. [http://www.fchf.ufg.br/pos-sociologia/stg2006/docpdf/C%F3pia%20de%20stg2006\\_01.pdf](http://www.fchf.ufg.br/pos-sociologia/stg2006/docpdf/C%F3pia%20de%20stg2006_01.pdf)

VIANA, Nildo. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru, SP: Edusc, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Universo psíquico e reprodução do capital: ensaios freudo-marxistas*. São Paulo: Escuta, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Técnicas de pesquisa e representações cotidianas*. (mimeo), 2009.